

PRÓXIMOS ESPECTÁCULOS

14 e 15 de MAIO

COMPANHIA DE DANÇA DE ALMADA

CASA DO RIO

Coreografia de **Benvindo FONSECA**

SALA PRINCIPAL | M/12

20 de MAIO às 21h30

OS MÚSICOS DO TEJO

LA SPINALBA

De **Francisco António de ALMEIDA**
Direcção musical de **Marcos MAGALHÃES**
Direcção teatral e espaço cénico de **Luca APREA**

SALA PRINCIPAL | M/12

11 de JUNHO às 21h30

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

JORGE PALMA

SALA PRINCIPAL | M/12



A PURGA DO BEBÉ

De Georges FEYDEAU

Sala Experimental
13 de Maio a 5 de Junho de 2011

Sala Experimental

13 de Maio a 5 de Junho de 2011

Qua a Sáb às 21h30 | Dom às 16h00

1h00 | M/12

Dramaturgia e encenação de **Joaquim BENITE**
com a colaboração de Rodrigo FRANCISCO

Cenografia de Joaquim BENITE
com a colaboração de André GOMES

Figurinos de Ana Rita FERNANDES e Sónia BENITE

Desenho de luz de José Carlos NASCIMENTO

Tradução de José MARTINS

Caracterização de Sano de PERPESSAC

Direcção de Produção de Carlos GALVÃO

Direcção técnica e de montagem de Guilherme FRAZÃO

Colaboração na produção de Paulo MENDES e João DIAS

Montagem de Marco JARDIM, Paulo HORTA, António ANTUNES, João MARTINS e Pedro MACHADO

Operação de luz e som de Paulo HORTA

Fotografia de Rui Carlos MATEUS

Música “*La Capricieuse*”, de Eugène DAMARÉ (1840-1919)

Intérpretes (por ordem de entrada em cena)
Joaquim NICOLAU, Sofia CORREIA, Teresa GAFEIRA,
André GOMES, Maria FRADE, Pedro WALTER,
e com a participação dos pequenos Bruno e Gabriel

O espectáculo de hoje

Joaquim Benite faz uma nova encenação de *A purga do bebé*, de Georges Feydeau, que a CTA estreou em 2004.

Temos, assim, ocasião de reentrar na casa dos Follavoine, divertindo-nos com negócios de Estado. O Governo francês tem uma ideia: equipar o seu exército de dezenas de milhares de homens com bacios individuais de serviço nocturno, para melhorar as condições de higiene das forças armadas. Follavoine, fabricante de porcelanas, procura por todos os meios adjudicar o fornecimento através de uma parceria público/privada, e julga ter inventado para isso penicos de loiça inquebráveis. Mas quando recebe, para o almoço, o representante do Governo que vai tentar convencer a escolhê-lo a ele, sucedem-se as complicações: uma mulher irascível e pouco interessada em negócios, um filho mal educado que está mal dos intestinos e se recusa a tomar os purgantes, e, por fim, a descoberta de que os penicos não são propriamente inquebráveis... Tenta por todos os meios salvar a situação, mas o pior está para vir. Uma peça que, a rir, fala de coisas actuais: entre penicos e auto-estradas pode haver pontos comuns que nem sempre são visíveis.

A purga do bebé: Uma peça «naturalista» Henry GIDEL

Depois do desaire de *Circuit*, Feydeau regressa à farsa conjugal em um acto, género que havia inaugurado com tanto sucesso no Outono de 1908, com *Feu la mère de Madame*. Onde é que foi buscar inspiração? Muito simplesmente à sua própria experiência, como já havia feito aquando da sua farsa precedente. Entrevistado por um jornalista, Jacques Feydeau, um dos filhos do autor, contou a seguinte história: «À minha mãe, que lhe disse um dia que gostaria de gozar de direitos de autor, o meu pai respondeu-lhe que era o que ela fazia, desde que se haviam casado». Quanto à criança de *A purga do bebé*, «Sou eu», respondeu Jacques Feydeau, «o herói, e as coisas passavam-se mais ou menos da mesma forma como estão relatadas na peça». Quanto ao resto, sobre a tradição familiar, a Madame Feydeau, que neste ponto era parecida com os médicos de Molière, tinha sido uma adepta fervorosa das purgas. Que pechincha para esse amante do *Doente imaginário*, ter tido durante tanto tempo na sua própria casa semelhante figura teatral! Feydeau tinha, por outro lado, tantos escrúpulos em tomar como modelo alguém que lhe estivesse tão próximo que, em Setembro de 1909, depois de uma cena particularmente violenta, deixa o domicílio conjugal para se instalar no apartamento 189 do hotel Terminus, em Saint-Lazare. A ruptura estava consumada e foi confirmada mais tarde, em 1916, com o divórcio.

A peça foi representada pela primeira vez a 12 de Abril de 1910 no Théâtre des Nouveautés. Seguiu-se *Le Phénix*, peça em três actos de Valabrègue. Esta obra teve apenas uma breve carreira, mas, felizmente, *A purga do bebé* não sofreu demasiado, uma vez que a 1 de Junho substituiu-se *Le Phénix* por *Crampon*, peça em dois actos de Robert Dieudonné, mantendo as representações da obra de Feydeau. Bem acolhida, beneficiará de 85 representações: «O sucesso de *A purga do bebé* foi estrondoso», escreve Gaston Sorbets, «é Feydeau no seu melhor; uma farsa desopilante tratada de uma forma simples e sólida por um mestre do riso. Este texto pertence à grande tradição: tem, dentro do seu género, qualquer coisa de clássico». «O que dá valor ao acto copioso de Feydeau», observa por seu lado Nozière, «é a justeza da observação. Esta peça é uma crítica aguda a algumas relações burguesas. Assim que o autor exagera pouco os factos desencadeia-se um cómico enorme. É o procedimento clássico. O Sr. Feydeau, como o Sr. Courteline e o Sr. Bernard estabelecem de novo relações com Henry Monnier e Molière». Pela sua parte, Adolphe Brisson faz algumas reservas («facécias demasiado iguais, demasiado insistentes») e estima que esta obra «cheira ao franco terreno gaulês [...] faz recordar a obra de pintores realistas da vida popular e burguesa, os Furetière, os Scarron, os Moinaux, os Chavette, os Courteline». Exorta Feydeau a perseverar nessa nova via e estima que *A purga do bebé* «contém

mais substância psicológica, mais conteúdo do que certos *vaudevilles* maquinados até à exaustão».

A maior parte dos críticos, portanto, põe em evidência a nova metodologia do autor, que opõe à antiga. Um de entre eles, depois de ter evocado Feydeau como o criador do *Dindon*, de *L'Hôtel de libré-échange*, de *La dame de chez Maxime* e «rei do imbróglío» sublinha o renovamento total da sua inspiração: o cómico já não surge de uma situação mas da «observação mais directa, mais imediata dos seres e das coisas». Doravante, «a obra do Sr. Feydeau deixa de pertencer ao *vaudeville* para se colar à grande comédia». Muitos outros jornalistas não hesitam em qualificar *A purga do bebé* de «pequena obra-prima».

Como na maior parte das peças montadas durante a vida do autor, em que Feydeau pôde assegurar a distribuição dos papéis e a encenação, a interpretação foi considerada notável: Marcel Simon interpretava Follavoine, o pai da criança indomável, com uma resignação exasperada, e uma paciência inimitável; Germain fazia o papel de Chouilloux, um «alto funcionário bem-sucedido e um cristão solene e benevolente» e a pequena Leseigne era exactamente «a criança teimosa e colérica, mal-educada, insuportável, que aparenta precisar bem mais de um correctivo do que de uma purga». Cassive foi evidentemente encarregada de interpretar Madame Follavoine. Fazia-o com uma naturalidade admirável. «É irresistível», escrevia Nozière, «vê-la de roupão, vulgar, os cabelos despenteados. É irresistível notarmos o seu saiote e *lingerie* barata. E irresistível contemplar as suas meias caindo-lhe sobre os chinelos. Trata-se de uma visão extraordinariamente adequada. Cada entoação, cada movimento, cada gesto é intencional, verdadeiro, simples. Não existe outra actriz que faça comédia com tal franqueza e que possua uma tal capacidade para o cómico».

Se existe um teatro «naturalista», talvez *A purga do bebé* seja a sua expressão mais conseguida, mais viva, e provavelmente a sua obra-prima. Está lá tudo: falta de uma intriga propriamente dita, mas simplesmente uma «fatia de vida», como se dizia na época, e também a trivialidade do tema: bebé tomará, ou não, a sua purga? E ainda todas as mesquinhas da vida quotidiana, os detalhes sórdidos e verdadeiros, demasiado verdadeiros. Por outro lado – e este não é o mérito menor da obra – Feydeau consegue tirar deste tema um cómico enorme, que mascara a implacável perfídia do ponto de vista.

Nesta peça também nos deparamos com essa personagem, bastante nova na cena francesa, do pequeno bebé. A fragilidade da sua mãe, a negligência e a irresponsabilidade do seu pai, tornam-no numa criança exasperante, com uma verosimilhança comovente: ainda que o tipo tenha sido criado em 1910, ele é, mais do que nunca, de uma actualidade cruel.

CLUBE DE AMIGOS DO TMA

VANTAGENS DE SER MEMBRO:

>> Assistir gratuitamente às produções da Companhia de Teatro de Almada (CTA) e beneficiar de condições especiais em espectáculos acolhidos;

>> Obter um desconto de 50% para os seus acompanhantes em todos os espectáculos da CTA.

CONDIÇÕES DE ADESÃO:

>> Os membros do Clube de Amigos pagam uma quota anual com os seguintes valores:

> Geral: € 40
> Jovem (até 25 anos): € 25
> Sénior (maiores de 65 anos): € 30

RESTAURANTE TMA

De TER a SÁB, das 19H00 às 22H00

>> Preço médio: € 8 / pessoa;
>> Reservas para grupos.

GALERIA DO TMA

(situada no 2.º Andar)

ALL-INCLUSIVE

de Luís Campos

De 23 de Abril a 26 de Junho

TER a SÁB das 16h00 às 20h00;
Aos DOM, das 15h00 às 19h30

>> Em dias de espectáculo também entre as 20h30 e as 23h00.

BAR E ESPLANADA

De TER a SÁB, das 14h30 às 23h00
Aos DOM, das 14h30 às 19h30

>> Em dias de espectáculo alarga o seu horário de funcionamento.

LIVRARIA DO TMA

TER a DOM das 14h-20h

>> Em dias de espectáculo alarga o seu horário de funcionamento.